

MAPA ONLINE DO PATRIMÔNIO DISSONANTE DE SALVADOR

Rafaela Agra Gomes¹; Yan Graco Dantas Cafezeiro².

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; Iniciação Científica; rafaela.gomes@aln.senaicimatec.edu.br

² Centro Universitário SENAI CIMATEC; Salvador - BA; yan.cafezeiro@doc.senaicimatec.edu.br

RESUMO

Memórias estão sujeitas a transformações por conta da lembrança e do esquecimento dos indivíduos. O esquecimento e o apagamento estão intrinsecamente ligados à memória, que necessita ser exercitada para continuar viva. O lugar de memória pode ser entendido como um local que ancora alguma memória social. O mapeamento desses patrimônios servirá para que possa ser utilizada para pesquisas de patrimonialização desses lugares na cidade, gerando uma reinterpretação mais inclusiva e equitativa do patrimônio cultural de Salvador. Inicialmente, será realizada uma revisão bibliográfica detalhada, a partir disso, serão localizados os locais com potencial de serem patrimônio dissonante, os resultados serão analisados, dessa forma, mapeando-os de forma que possam servir de auxílio aos órgãos públicos. Esta pesquisa tem como objetivos estudar o conceito de patrimônio dissonante, localiza-los em Salvador, compreender as dificuldades de lidar com esse tipo de patrimônio e elaborar um mapa possíveis patrimônios dissonantes em Salvador.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; História; Locais de Memória; Patrimônio Dissonante.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivos estudar o conceito de patrimônio dissonante, localizar os patrimônios dissonantes de Salvador, compreender as dificuldades de lidar com o patrimônio dissonante e elaborar um mapa de um possível patrimônio dissonante em Salvador. O campo da preservação de edificações sempre foi voltado a conservação de testemunhos de história tradicional, portanto os lugares de memória e espaços dissonantes se enquadram no debate contemporâneo no contexto de patrimônio cultural edificado.

A definição de memória pelo Dicionário Michaelis (2015) é “o produto de experiências passadas que permanece no espírito e serve de lembrança; lembranças, reminiscências, recordações”, que são carregadas por grupos de pessoas, de geração em geração. Para Pierre Nora (1993), estas memórias estão sujeitas a transformações, que estão dispostas a mudanças por conta da lembrança e do esquecimento dos indivíduos, dessa forma, é considerada um fenômeno do tempo presente, pois a memória é a atualização do passado no presente, sendo possível considerar memória tudo aquilo que é retomado por alguém neste presente.^{2,3}

A história, por sua vez, é definida pelo Dicionário Michaelis (2015) como “a evolução da humanidade ao longo de sua existência”, uma representação do passado que demanda análise, metodologia de pesquisa e discurso crítico.⁴

A definição de história pelo Dicionário Michaelis, pode ser considerada equivocada ao utilizar a palavra “evolução”, pois significa a transformação de algo gradual de forma positiva, ou seja, atravessa alguma etapa com sucesso, portanto, a fase anterior sempre, em teoria, será menos evoluída que a próxima. Porém, ao longo da história, é possível notar que alguns erros tornam a se repetir com anos, ou até mesmo décadas, de diferença, o que provaria uma evolução, mas também uma involução, como governos ditatoriais, conhecidos pela sua violência e controle intenso do Estado, censura, fim das liberdades civis, supressão dos poderes legislativo e judiciário, entre outros.⁸

O esquecimento e o apagamento também estão intrinsecamente ligados à memória, já que a memória necessita ser exercitada para continuar viva, constantemente sendo alimentada pelas pessoas, por uma data comemorativa ou apenas pela lembrança. No momento em que deixa-se de comemorar ou lembrar, a memória começa a morrer, sendo esquecida, ou sendo apagada a força por agentes externos com algum tipo de justificativa, como ditadores faziam e ainda fazem.

Portanto, o lugar de memória pode ser entendido como um local que ancora alguma memória social, podendo ser equivalente a um museu, por exemplo, ou uma praça que tenha um valor simbólico e/ou histórico para alguma coletividade, ou, então, uma região que tenha algum significado histórico para a cidade, estado ou até país. Ao mesmo tempo que possuem uma forte ligação com a memória de um grupo de indivíduos, podem ter uma conexão com a história contada pela aristocracia.

Dessa maneira, o patrimônio dissonante se caracteriza pelo patrimônio cultural que retratam uma narrativa apagada ou mostram uma história opressiva, colonialista, violenta, discriminatória ou de resistência à história comum. O mapeamento desses patrimônios servirá para que possa ser utilizada para

pesquisas de patrimonialização desses lugares na cidade, gerando uma reinterpretação mais inclusiva e equitativa do patrimônio cultural de Salvador.

2. METODOLOGIA

Neste artigo, a metodologia utilizada foi a de investigação analítica-propositiva e experimental, que envolve o estudo e análise da bibliografia detalhada de fontes relevantes, estudos de casos e entrevistas, porém, este trabalho foi apenas feito análises bibliográficas, não tendo alcançado as outras etapas desejadas para a pesquisa.

Inicialmente, será realizada uma revisão bibliográfica detalhada sobre o conceito de memória, história, evolução, lugar de memória, patrimônio histórico e patrimônio dissonante. A partir disso, serão localizados os locais com potencial de serem patrimônio dissonante, através de análise de documentos históricos, entrevistas com moradores locais, observações in loco e levantamento de dados estatísticos, conforme apropriado para cada caso.

Por fim, os resultados serão analisados, dessa forma, buscando identificar padrões e oportunidades de reinterpretação mais inclusiva e equitativa do patrimônio cultural de Salvador, mapeando-os de forma que possam servir de auxílio aos órgãos públicos responsáveis pelo tombamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabe-se que a memória pode ser individual, algo ligeiramente íntimo, remetendo a acontecimentos pessoais ou pelo grupo a qual a pessoa se sente pertencer, por exemplo, estar em um lugar de férias na infância, que deixou uma memória marcante naquele indivíduo. Também pode ser coletiva, quando pertence a um grupo de pessoas e que podem ser vividas por tabela, refletindo fenômenos sociais, como, por exemplo, a transmissão de costumes e tradições entre famílias de imigrantes, quase que uma memória herdada.^{2,3}

Segundo Pierre Nora (1993), a história é a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais, ou seja, uma certa classe determina o que é importante e válido para ser lembrada e estudada em gerações futuras, deixando a história como um fenômeno elitista.

A evolução e a involução da história da humanidade podem ser comprovadas pela existência de governos ditatoriais, que são conhecidos pela sua violência e controle intenso do Estado. Na história recente, houveram regimes ditatoriais em várias partes do mundo, na Alemanha, sob o comando de Hitler, no Brasil, sob o comando de militares, entre vários outros países, como Chile e Espanha. Em Cuba, se vive uma ditadura comunista desde 1959, instaurada por Fidel Castro.

O século XX foi marcado pela guerra. Guerras mundiais que até então não haviam existido, nem guerras tão longas como a Guerra dos 100 anos entre França e Inglaterra foram tão sangrentas quanto os 31 anos de guerras mundiais (1914 a 1945), que são caracterizadas como as guerras mais sangrentas da história da humanidade.⁵

O Nazismo na Alemanha é fruto da Primeira Guerra Mundial e do Tratado de Versalhes, que determinava diversas sanções, e deixou um sentimento de derrota. Como consequência, nasceu sentimentos antissemitas, arianista, antimarxismo e um nacionalismo exarcebado, e faziam parte do pensamento de Hitler, mas a ideologia nacionalista presente na cabeça dos cidadãos contribuiu para a expansão do nazismo e Hitler se beneficiou para gerar o terror,⁶ originando um dos maiores genocídios do mundo, perseguindo principalmente judeus, ciganos, deficientes físicos e mentais, poloneses, afro-germanos, opositores políticos e homossexuais.⁷

As palavras “história” e “memória”, muitas vezes, são confundidas entre si, não podem ser consideradas sinônimos, sendo estas duas consideradas muitas vezes palavras opostas. A memória é uma manifestação subjetiva e a história é uma ciência, logo, demanda mais objetividade, mas não limitando de se basear em elementos subjetivos, como relatos orais. Porém, é possível afirmar que a memória é como a matéria-prima da história, pois a memória coletiva tem grande importância para as Ciências Humanas, tendo papel fundamental para compreender os processos históricos coletivos. Portanto, memória é história, mas história não é memória, palavras que estão intrinsecamente ligadas.

Para a história dominante, esses lugares de memória podem ser caracterizados como patrimônio histórico, que são reconhecidos por uma parcela da população e muitas vezes, são tombados ou seguem algum tipo de restrição dos órgãos de preservação, como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e o IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural).

Os estudos sobre os lugares de memória começaram a surgir de um sentimento sem memórias espontâneas, no momento em que se passou a estudar as celebrações de uma nação, e não a nação em si, espaços que não exprimem uma convicção militante, nem participação apaixonada, mas que ainda há algo

de uma vida simbólica. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos”, “marcos testemunhais de uma outra era”, pois nos dias atuais só é valorizado o novo, já que o processo de apagamento da memória é tão veloz, que é impossível que seja preservada.²

O conceito de “tombamento” é relativamente recente, aparecendo no Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que constitui-se como o primeiro instrumento legal de proteção do patrimônio cultural brasileiro. Existem três níveis de tombamento que podem ser realizados: municipal, estadual e federal e estar inscrito no Livro do Tombo é uma das formas mais antigas de preservação da memória. Com as discussões atuais sobre lugares de memória e espaços dissonantes dentro do patrimônio cultural edificado, o mapeamento desses locais, que fogem às concepções tradicionais, é extremamente importante para uma população que teve sua história e memória apagadas pela história colonialista e opressiva.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade que permeia os conceitos de “memória”, “história” e “evolução” foi determinada, quando estes conceitos estão intrinsecamente ligados uns aos outros. Através da exploração do por quê “história” não pode ser considerada uma “evolução” da humanidade, como determinada pelo dicionário, mas sim uma evolução e involução, foi possível provar as involuções existentes ao longo do tempo. Exemplos como o Nazismo de Hitler, a ditadura militar no Brasil e a Revolução Cubana de Fidel Castro, foram alguns dos acontecimentos explorados para a composição deste artigo.

A partir dessas determinações, foi possível avançar para explorar o conceito de “local de memória” que pode ser caracterizada como um local que ancora alguma memória social, e com base nisso, foi possível utilizar alguns exemplos para clarificar melhor a ideia, como museu, praça ou região territorial.

Uma das preocupações que surgiu ao longo do estudo foi a respeito das palavras corretas para poder passar a informação corretamente, sendo este um assunto delicado, que trata de memórias sociais e dissonantes. Além disso, é importante que os locais de memória de Salvador sejam reconhecidos como patrimônio histórico, desde que contam a história de um povo, mesmo que uma pequena parcela da população.

Dessa forma, as descobertas sugerem uma ampliação das conversas sobre memória e locais de memória, especialmente na cidade de Salvador, para contribuir com a história da cidade, do país e do mundo.

5. REFERÊNCIAS

- ¹ TREVISAN, Rosana (coord.). Dicionário Michaelis. Website: Editora Melhoramentos, 2015. ISBN 978-85-06-04024-9. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=3wQeZ>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- ² NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História, 1993. 22 p.
- ³ POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1992. 202-212 p. v. 5.
- ⁴ TREVISAN, Rosana (coord.). Dicionário Michaelis. Website: Editora Melhoramentos, 2015. ISBN 978-85-06-04024-9. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=hist%C3%B3ria>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- ⁵ HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. ISBN 85-7164-468-3.
- ⁶ BATISTA DA MATTA, Isabella Cássia. Ideologia nazista e a resistência: Uma lição a não ser esquecida. Orientador: Armindo Boll. 2021. 45 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação de Licenciatura em História) - Universidade de Taubaté, São Paulo, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unitau.br/jspui/bitstream/20.500.11874/5297/1/A%20TG%20Isabella%20cassia%20Batista%20sa%20Matta.pdf>. Acesso em: 2 out. 2023.
- ⁷ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. O mosaico das vítimas: Visão geral. Estados Unidos, 2023. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/mosaic-of-victims-an-overview>. Acesso em: 9 out. 2023.
- ⁸ DA SILVA GARCIA, Bruna. Memória e história: Uma discussão teórica. VII Congresso Internacional de História, Rio Grande do Sul, p. 1361-1371, 2015. DOI 10.4025/7cih.pphuem.1508. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1508.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2023.